

O aquecimento global e os criadores de aves

Aloísio Pacini Tostes
Ribeirão Preto SP

A globalização tem trazido muitos reflexos à conjuntura econômica que nos cerca e não há outra saída, pelo menos no caso de nosso País que está totalmente integrado ao sistema. Dependemos dessa engrenagem que nem sempre é justa, ainda mais quando envolve relações comerciais das nações mais ricas com o dito terceiro mundo.

O vertiginoso aumento da população mundial, o desperdício ocasionado pela exagerada utilização de bens de consumo e a poluição do meio ambiente nos levará, em breve, a uma crise: os recursos naturais irão se exaurir.

Infelizmente, desde muito tempo, o mundo é subjugado, governado e direcionado pelo poder econômico de uns poucos contra os interesses de bilhões de outros indivíduos que teriam o mesmo direito de viver em paz, dentro de um clima de justiça e fraternidade. No entanto, o que prevalece até hoje é a injustiça, o egoísmo e a ambição desregrada, levando a imensa maioria a viver na miséria e no abandono.

As guerras existentes são, na verdade, instrumentos para os mais fortes se apoderarem dos recursos naturais dos mais fracos, indicativo que nos alerta para o futuro próximo: quem tem e tiver mais poder de fogo vem fazendo e cada vez mais, fará prevalecer sua força, sem dó nem piedade e ainda propagar que são ações contra o terrorismo. Não obstante a presunção dos poderosos, a força da natureza agredida é bem maior, eis que ela já deu vários avisos, e agora com ênfase “o efeito estufa” evidencia que algo de muito grave está acontecendo, ou seja, a previsão de uma catástrofe iminente: o **aquecimento da temperatura na terra**, alerta e prova de que estamos passando dos limites quanto à degradação ambiental.

Os gases nocivos – entre eles o dióxido de carbono, fruto da queima de combustíveis fósseis - lançados na atmosfera estão excedendo, em muito ao suportável, ocasionando o efeito estufa. Várias conferências mundiais recomendam: temos que agir de imediato para conter a nefasta emissão. Elaboraram, com ajuda da ONU, o Protocolo de Kyoto que os EUA e a China se negaram a assinar, porque as recomendações poderiam prejudicar os respectivos crescimentos econômicos.



Não há saída, ou tomamos atitudes enérgicas agora ou todos juntos iremos assistir o colapso das instituições e o conseqüente fim da convivência pacífica entre as pessoas e os povos, o que quer dizer o fim do mundo. Quanto mais ficar para depois maior o prejuízo e o grande perigo da irreversibilidade. Aí surge a preocupação de alguns, quem sabe um paliativo, parar ou diminuir a utilização de combustíveis aqueles oriundos do petróleo (não renováveis) para a energia renovável que não agride tanto o meio ambiente. Não deixa de ser um passo importante, mas a que custo para nós?

Com a energia solar e eólica tudo bem, porém na produção, em larga escala, de biodiesel e do etanol, o preço não seria muito alto? Estamos apavorados com a degradação que as lavouras de cana vêm provocando em nosso País, num crescente que não sabemos onde irá parar. O fogo nos canaviais para facilitar e baratear a colheita, a mão de obra barata dos trabalhadores que são explorados e não detém vínculo empregatício com os donos das usinas e das riquezas. Será que não se reverterão as tendências da intenção dos empresários rurais fazendo-os inverterem o interesse em produzir alimentos e aumentar a fome exacerbando a prática da monocultura, além da degradação que as lavouras de soja e milho já provocam?

No Estado de São Paulo isto já está acontecendo de forma acentuada. A destruição dos habitats é avassaladora, em muitas re-

giões não há mais local para abrigar os animais silvestres, a dizimação é quase total, sem falar da poluição das águas que logo nos levará, na sucessão, ao caos pela falta de água potável.

Só nos resta proteger, com unhas e dentes, as unidades de conservação e estimular cada vez mais a implantação de RPPNs e proteger as nascentes e margens dos rios. O que nos preocupa também é o fato de os países ricos e suas multinacionais estarem adquirindo as empresas brasileiras que fazem parte do processo e cada vez mais irão se beneficiar da produção e do comércio internacional que advirão nas várias etapas do processo até que o etanol ou o bio-diesel cheguem ao consumidor final, ficando mais ricos ainda.

De outro lado surgem então as frentes ambientalistas, as ONGs nacionais e as internacionais (poderosas e ricas), os justiceiros, os imaculados, os aproveitadores e a mídia, na maioria, tendenciosa que só veicula aquilo que lhe dá audiência: o terror, sangue e violência. Todos se arvoram no direito de defender o meio ambiente, uns com autenticidade e outros porque melhora a imagem ou querem fazer política à custa de uma causa que todos logicamente apóiam.

Aí surgem os imbróglios, os desentendimentos e a falta de coordenação. A sociedade como um todo fica sem saber direito em quem confiar e quem está com a verdade. O certo é que, a preocupação com a biodiversidade, por sua vez, tem muito a ver com toda

a questão ambiental que é preocupação de todos nós, não é propriedade de ninguém que se intitula melhor mais inteligente, bem como, mais preocupado ou ligado, por ofício ou não, à proteção ambiental.

Chama atenção a questão da Gripe das Aves. E como dá “Ibope” falar sobre isso!!!! Outro dia vi e ouvi um biólogo numa palestra na frente de mais de 200 pessoas, dizer “não sei”, “não tenho certeza” e “tenho dúvidas”. A pergunta era se ele acreditava na ameaça dela chegar até aqui. Óbvio que medidas preventivas têm que ser tomadas mas, todo esse exagero, para nós não passa de uma fantasmagórica estória de interessados em tirar proveito ao tentar passar para a população assombrada com se fosse uma ameaça iminente de uma pandemia.

Outro fato: pessoas ligadas a algumas ONGs se julgam as únicas que cuidam do bem estar animal e que a luta é só deles. Isto não é a realidade e nem desqualifica quem batalha com seriedade nessa luta. O que incomoda muito são os constantes exageros.

O fato é que a grande maioria das pessoas tem amor e trata os bichos com o carinho que merecem. O assunto é controverso, haja vista os animais de produção que geram riquezas e que são abatidos para ser fonte de alimento e que são vítimas primordiais de maus tratos.

Como fazer com setores radicais que preguem o não uso de animais oriundos da fauna brasileira de modo algum, nem para abate como também como “estimação”. A Lei existente permite e diz que deve ser estimulada a utilização de um recurso natural de forma sustentável; para eles é balela.

Reconhecemos que pode haver gente que prega esse sofisma, mas se olharmos para sua vestimenta, seus apetrechos e ao seu redor, poder-se-á constatar que tudo ali foi retirado da mesma natureza que abriga os animais. As roupas de algodão – lavouras altamente invasivas – bolsa ou cintos de couro à custa da morte de animais, e assim por diante. Só acreditamos que possam falar com isenção deste tema os índios ou aqueles que renunciam as comodidades da vida moderna, passam a viver no meio da mata, não se aproveitam da água encanada, luz elétrica, se alimentam de raízes e assim por diante. O certo é que desde que os europeus vieram para cá a degradação se iniciou.

Nosso ambiente natural, hoje existente, está todo contaminado de norte a sul, com raríssimas exceções em áreas inóspitas ou de difícil acesso. Temos que conviver com isso e tentar fazer o melhor para a conservação, sempre usando o bom senso como forma na tomada de decisões.

Uma atitude democrática foi a criação do CONAMA, que embora palco de discussões acaloradas pelo menos dá chance a quem tiver interesse legítimo a defender

compareça aos Grupos de Trabalho e exprima suas opiniões.

No entanto, acreditamos que as entidades organizadas que representam segmentos importantes envolvidos na questão ambiental deveriam ter assento assegurado na Câmara Técnica, senão o sistema fica manco. E assim os criadores de aves estão nesse momento passando por um processo de descrédito, sentimos que estão sendo tratados como indivíduos de segunda classe, desalmados e criminosos.

Conhecemos bem essa questão de tolerância zero, mas dentro da Lei e do respeito às normas e as pessoas de bem. Compete à polícia combater o tráfico, o que achamos louvável, e apoiamos, mas, volta e meia, exageros são cometidos, em especial contra os mais humildes.

As estimativas estatísticas levantam que 22% dos lares brasileiros detêm aves, o que daria, no mínimo, a nosso ver perto de cinco milhões de pessoas que criam ou detêm passeriformes. Imaginem a força que teriam se houvesse a união e a regularização da maioria, inclusive no voto.

Há e deve haver um trabalho para que todos esses que estão na marginalidade migrem para a regularidade e para o respeito às normas. Não é um trabalho simples, é preciso um esforço conjunto muito grande nesse sentido. Não venham os justiceiros e os imaculados dizer que tem que ser usada a intransigência e uma forma radical para resolver esse imenso ambiental.

Apreender as aves e deixa-las morrer de propósito ou por desídia, por mais absurdo que pareça está acontecendo em muitíssimos casos. Ou, quem sabe cremá-las, assim não há tantas despesas e a prova do crime destruída. Funciona assim: os bichos são encaminhados para uma instituição privada mancomunada e lá são praticadas as barbaridades; infelizmente não temos provas, mas as evidências estão aí.

Quando a opinião pública souber disso o que vai acontecer? É só lembrar do caso do urzinho branco lá na Alemanha. O que temos notado é a consolidação no meio da classe menos favorecida e esclarecida que o IBAMA é sinônimo de punição e de opressão, muita gente se nega a buscar a eventual regularidade de seus pássaros com medo de autuação. São alegados inúmeros motivos, alguns até plausíveis, por isso é que nossa opinião é que em todos os casos deve ser usado o bom senso, inclusi-



ve por causa da preocupação que temos com a integridade física dos pássaros envolvidos, que muitas vezes não é levada em conta.

Tolerância zero é para bandidos que matam e assaltam, ou mesmo para traficantes. Não pode ser aplicada para criadores de pássaros que mantêm pequena quantidade de indivíduos. Repetimos, tirar de uns para levá-los para depósito aonde morrerão é um enorme contra senso. Da mesma forma, temos ainda outras atividades que requerem o maior carinho das autoridades como os pescadores ou os extrativistas que muitas vezes provocam danos à natureza.

O que podemos fazer de efetivo para proteger a biodiversidade? Em primeiro lugar sobrestar os desmatamentos, depois criar mais unidades de conservação e, sem hesitação: cuidar dos animais que estão na natureza, buscar os traficantes onde estiverem e praticar a reintrodução em aéreas identificadas e protegidas. Sim, estamos dispostos a fornecer passeriformes nascidos domésticos nesse trabalho de repovoamento, é uma grande preocupação que temos no nosso objetivo de preservação.

Isto posto, é preciso ficar claro que os criadores de pássaros nativos não são pessoas alheias ou cruéis e estão sim, estão preocupadíssimos com a natureza. Evidente, então, o aquecimento da temperatura na terra deve ser tratado por todos os segmentos que lidam com meio ambiente e há a disposição e a obrigação do segmento em participar e contribuir pela preservação da vida na terra.

lagopas@terra.com.br